



São Paulo, dia 21 de novembro de 1983.

CEDI - F. I. B.
DATA 04/05/83
COD. 63D00035

Revdo Scilla Franco.

Aqui vou indo bem de saúde e no trabalho. Não pude mais ir a Piraciba, porque andei nos Guarani de Itanhaém/SP e depois tivemos uma reunião com Deputado Marcio Santilli sobretudo para comentar sobre o novo decreto que libera os minérios de áreas indígenas. Vou contar mais ou menos como é que foi o meu trabalho.

Nos livros de História do Brasil, quando eu fiz o Primário e Ginásio nas missões salesianas, no Rio Negro, sempre lia um pouco sobre sobre os Guarani, os Tupinambas e os Tamoios que viveram por essas bandas. Ainda hoje, não através de textos escolares, mas dos trabalhos de teses de mestrado de alunos das universidades tenho lido sobre os mesmo, mais especificamente sobre os Guarani. É maravilhoso ver o trabalho e ficar imaginando como é que os índios vivem nos seus lares, e, a gente fica acreditando que os brancos sejam os donos da verdade quando não se tem condições de comprovar ou sentir o q/ estes querem dos índios. Também é comum ver pequenos ciúmes entre pessoas que ficam pesquisando nas comunidades indígenas, porque os brancos mesmo já não confiam entre si mas, querem que os índios confiem nele. E creio que estes não muito da linha do padre que diz assim: " Olhem meus irmãos, Deus não fica contente quando não fazemos o ato de caridade quando o ministro de seu filho não for bem recebido, quando este faz visitas nas comunidades. Portanto, quando o padre vai visitar vocês não precisa levar comida, porque vocês devem reconhecer que ele está a serviço do Sr;" e mais outras coisas. Em outras palavras eles dizem o contrário, faz como lhes digo mas sejam como eu que vivo nas melhores condições. Então, o negócio é assim, que os índios se escapam da malandragem dos brancos isso é muito difícil. Daí vem a seguinte frase de intelectuais brancos: " Ah! Os nossos índios são lindos demais, eles são bem enfeitados e inocentes.

Olhem quanto coisa ele me deram". Ai eles mostram os brincos e colares com miçangas de fábricas. Eu, particularmente, vejo nisso como brancas engraçadas, muito imaturas para compreender as questões indígenas e que ficam se alimentando de idéias vagas sem saber quase nada. Bem, isso acontece mesmo e eu não estou aqui para ficar a verdade, isto é, o que vejo de errado ou certo tenho que dizer mesmo.

Bem, no dia 10 do corrente mês fiz uma viagem rápida para conhecer os Guarani do Rio Branco, em Itanhaém/SP. Sai de São Paulo e quando cheguei a Itanhaém fiquei numa casa de família do pessoal do CIMI/SP, porque assim tínhamos combinação. No dia seguinte partimos de carro e percorremos alguns Km, e entramos num caminho de uma grande fazenda que era bananal onde tinha muitos peões que, na certa prestavam o serviço com salário a menos de 25 mil cruzeiros por mês, porque assim me falou um deles. Nessa fazenda havia as trilhas de trem e era grande mesmo, e que a produção era exportada para outros países. Paramos no determinado lugar, descarregamos as bagagens e logo percebemos encostar na gente os borrachudos, pequenos insetos que sugam o sangue da gente. Caminhamos uma hora e meia e chegamos numa pequena aldeia. Encontramos no meio do caminho o cacique que vinha pescar, mas quando nos viu teve que nos acompanhar até a último instante. O nome dele era Zezinho, e estava surdo e por isso, não foi fácil conversar com ele. Ele nos acompanhou calado e quando nos falava de alguma coisa é quando gritava no ouvido. Assim fomos, conversando numa boa.

Na primeira aldeia encontramos duas mulheres trabalhando na roça. Elas estavam limpando a roça de milho. Era mãe e filha casada. Encontramos duas crianças, bem fracas e maiorzinho não tinha condições de andar bem porque na certa estava com muita verme. A perninha do menor estava inchado de demais de tanto ser picado por borrachudos. A mãe estava trabalhando bem, toda enrolada de roupa para se proteger dos insetos, e avó também com a filha caçula que devia ter seus 14 anos. O pai das crianças, o Luis não estava na aldeia, porque estava trabalhando na fazenda do branco.

Mais adiante encontramos uma família, o filho e a mãe, ambos rezadores muito sérios. Era uma família muito religiosa e q/ era diferente dos demias índios que conheço de várias tribos. O nome do homem era Hilário. Ele veio de Ibirama depois que teve certas intrigas com a FUNAI e deixou em seu lugar de cacique o primo dele. Ele me pareceu muito bom, porque sabia ouvir e complementar como é o comportamento da FUNAI. Além disso, ele já tinha feito duas roças onde plantou milho, mandioca, batata doce e amendoim e me disse que vai fazer outra, no outro lado do rio. Além da mãe dele encontramos uma criança que deve ter seus dois anos e meio.

Após conversar bastante e tomar muito chimarrão fomos adiante, caminhando uns 30 minutos. Encontramos um jovem de 20 poucos anos, e no momento não me lembro do nome dele. Estava roçando o bananal e outro estava um pouco mais adiante, fazendo o mesmo serviço. Não encontramos nenhum cachorro, mas sim, um porquinho do mato muito mansinho e duas galinhas. Quando voltamos, pelo meio do caminho encontramos uma turma de Guarani que foram buscar banana. Não deu para conversar eles. Assim, vivem nessa comunidade no total de 20 Gaurani. Como sempre, desprotegidos pela FUNAI, sem dúvida com problema sério de saúde.

O Rio Branco é muito bonito, as águas correm entre os morros, azuis esverdeadas contendo peixes como traira, cará e bagre. Nas matas ainda por mais que a civilização acabe com a natureza, ali encontram-se de várias espécies como tucano, cutia, paca, jacu, tamanduá, coati e outros animais. O que não para suportar são os berrachudos.

Depois eu soube que ia haver uma reunião do CIMI/SUL, em Curitiba. Lá fui cercar os brancos e conversei muito bem. Falei também com outros brancos, e enfim marquei uma reunião com os líderes do Sul para 4 a 6 de dezembro. Vai ser o encontro da UNI/SUL para preparar outro encontro maior que teremos em fevereiro do ano que vem.

Aqui vou ficando, e sem dúvida, pode ser que eu vá a Brasília, e por essa razão não poderei ir a Piraciba. Mas, eu gostaria que os companheiros não esquecessem do que lhes falei.

Abraços,

Alvaro Fernandes Sampaio.

São Paulo, dia 25-11-83.

Caro Rev. Silla Franco.

Saudação do TUKANO.

Aqui -continuamos bem no trabalho da UNI, mas os problemas continuam pesando cada vez mais.

Tenho escrito uma -cartinha para GTMÊ, e espero que foram informados. Devido o problema superior estou indo a Brasília para uma reunião na Comissão do Índio e também me encontrar com líderes indígenas, sem diviola. Espero passar uma semana, porque a FUNAI e o MEC convocaram uma reunião para textuar nos livros a viola de criança indígena. A UNI não foi convidada, mas vamos enfrentar de qualquer jeito. Já -convoquei alguns índios monitores e funcionários da FUNAI para questionar no tema a ser tratado. Creio que a nossa intromissão para ser duro para os homens do governo, porque estamos atentos ultimamente.

Depois estou indo para Manaus, porque quero ter encontro com líderes que irão -chegar do interior, principalmente o pessoal do Rio Negro.

Estou mais preocupado com pessoal do Rio Negro, porque ultimamente estão ameaçados e confusos. Está havendo por lá a presença constante da Polícia Federal para prender os índios que têm as plantações de epadue (coca), e os índios têm medo deles porque não entendem e não discutem politicamente, isto é, qualquer branco invasor é o sr das razões. Mas, lá temos umas fortes lideranças que não têm quase acesso à imprensa, e por isso, que os índios estão passando para trás. Então, vou ficar alguns dias em Mombaus e depois prosseguirei para aldeia do meu pai, a 1.500 km da capital. Sei que vou sofrer pressões dos milicos, de alguns padres e freiras e dos próprios índios. Acima de tudo eu amo a luta indígena, todos os índios conscientes de seus problemas veem que se congregam saentemente para buscar vitória. Creio que os leitores do boletim do GTM̄, sem dúvida, são solidários às questões indígenas, pois a esperança está na consciência do filho branco.

Outra coisa, estou indo para lá para documentar a história dos últimos sobreviventes de velhos que conhecem mitos e cerimônias. Desde que engajei nessa luta fico mais preocupado com a sabedoria do meu povo, assim demorarei um pouco, e sempre lhes contarei novidades, boas e más.

Também, entre março e abril, vamos ter um debate sobre as questões de missões do Rio Negro, na Europa. Assim, a finalidade de minha viagem é para fazer documentos em conjuntamente com povo e, espero que isso vai impulsionar o movimento indígena e a integração de missionários de qualquer credo para paz nas terras indígenas, porque ultimamente percebo que os jovens estão querendo se desviar de Deus. Penso que, temos que ser ações concretas e de campo por onde pastam as ovelhas, certo?

Aqui vai ficar a minha e filha sustentando a barra da civilização. Falei com colega do Rev. Timóteo e disse para ele depositando o dinheiro no final de cada mês.

Não fugindo, espero que o Sr. me compreenda. Vou indo, mas não fugindo. Assim, espero descansar a cabeça porque estou me desgastando ultimamente.

Para essa viagem tracei o itinerário no CCOI, mas isso não irá interferir na bolsa, porque eu pagarei a parte. Já fizemos acordos pessoal da Europa, e a eles tenho relatado o custo e a dificuldade da viagem, como também de tempo. Nós falei sobre para não confundir o pessoal, e o encontro que teremos na Europa será fechado e o resultado será divulgado só após. Portanto, esse trabalho que vou fazer é para barra pesada e de muita esperança, sem dúvida.

Bem Dev. sobre o encontro de Curitiba está chegado, o Hilton vai me substituir e vai dar certo, se já que o pessoal do CIMI/Sul concordaram. Como já lhe disse, em fevereiro teremos outros encontros no Paraná, em Março nos Pankararé da Bahia, que será o III Encontro da UNI/NE. (4)

E, sem dúvida faremos também reuniões no Norte. Sei que nos tem o ferro para tudo isso, mas porque confio em mim mesmo, então váce indo.

Enfim, mando felizes abraços de Natal para GTME, em especial ao Sr e família.

Francaamente,

Álvaro TUKANO

Brasília, dia 12 de dezembro de 1983.

Rev. Pastor Scilla Franco.

Espero que tenha recebido a minha carta anterior e compreendido. Para começar, eu sai de lá meio confuso, porque a parada com minha mulher não foi boa. A gente brigou. Mas, isso não interferiu o meu trabalho dentro da atuação política entre os índios. Foi por isso que lhe disse, que no final de cada mês que o Rev. Timóteo poderia depositar o dinheiro na minha conta, porque a minha mulher e filha ficaram em São Paulo. Pois não, espero não ter perturbado vocês.

O que tenho feito por aqui:

1 -) Quando cheguei aqui participei juntamente com outros líderes indígenas (Marcos Terena, Estevão Bakairi, Matsuara Kadiwéu e Ailton Krenak e com próprio Juruna), sobre o debate de Projetos de Lei sobre o índio que circulam no Congresso Nacional. Nessa reunião estiveram várias pessoas das entidades efetivando seus trabalhos. O que me pareceu, creio que valeu muito, porque algumas pessoas de entidades que estavam distanciadas voltaram rever os fatos decorrentes nas comunidades indígenas. Sob a coordenação nossa (de índios) e do Juruna, a gente pensou de fazer outro grande encontro em Brasília, em março do próximo ano. A intenção da gente, e mesmo do consenso das entidades, é que os índios virão para ter o encontro de uma semana, para fazer manifestação ao público sobre os dois Projetos - uma de Emancipação e outra que quer fazer do índio, como totalmente incapaz. Depois, tivemos outra reunião à parte e ficamos pensando quando seria o tempo adequado para isso. Segundo um dos assessores do Juruna, ficou de 17 a 22 de março, porque nesse período o Congresso Nacional estaria pegando ou recomeçando trabalho, e que todo mundo estaria com ânimo para fazer um ato público que tivesse maior caráter de peso político. Assim, sem dúvida virão também as pessoas das entidades para congregar a força. Espero que a turma dê muita força para UNI, e sem falta espero encontrar a turma do GTME. Para que isso seja bem feito, logo vamos encaminhar o convite e programa para vocês. Esse convite é para que as pessoas das entidades dêem recados aos índios. E tem mais, todo índio que vier para esse encontro, terá que vir com decisão para repudiar os decretos e projetos de lei que são contra as nações indígenas.

Não duvido que esse encontro será fácil de coordenar, porque virão uns 300 índios, e os Xavantes de carragada como sempre. Antes do Natal viriam alguns, em número de 70 ou 80 índios de Oiapoque para Brasília. Mas, quando soubemos que vamos fazer isso (a reunião) tivemos que dizer-lhes para assegurar a barra para março.

Hoje, vamos fazer outra reunião com os brancos, para ver, onde vamos buscar dinheiro para esse evento. Mais detalhes lhe darei.

2 -) Ao encerrarmos a reunião, soubemos que o nosso companheiro Marçal foi assassinado. Foi um choque muito grande para nós, mas outra coisa não podia ser. A gente sentiu grande vácuo, e por outra parte mais coragem e responsabilidade para sustentar a luta indígena. À proporção que o branco rouba nossa terra, no momento, junto com vocês protestantes e católicos temos que lutar juntos. Assim, eu e mais companheiros indígenas que se encontravam por aqui fomos até Dourados para o Ato Público. O Juruna e outros índios foram de avião que a FUNAI lhes deu, e eu de outro em companhia de uma pessoa do CIMI/Nacional, e em Goiânia encontramos o Dom Tomás Balduino que foi celebrante da Missa. Chegando ao destino, na paróquia São Pedro, encontramos muitos índios guarani, kadiwéu, kaiá e também os representantes de pareci, nambiquara, irantxi, bakairi terena, karajá, xavante, tukano e outro grande número de pessoas de entidades. Só de índios eram uns 150, e 50 poucos brancos e 1000 ou mais pessoas brancos. Foi muito importante, e um dos primos do finado Marçal foi que melhor expressou, porque muitos índios choraram e os demais ficaram abalados.

3 -) No dia 5 alguns líderes guarani realizaram outro encontro, em Curitiba, e também houve outro ato público. Eu não pude ir, mas fiquei correndo e conversei com vários índios para manter a voz e a união de índios no país. Sim, no meio da multidão eu me encontrei com Pastor Lourivaldo representando do GTME, gostei muito. Mas, depois não o vi mais. Por aí fiquei, e pensando de pegar a reunião de Curitiba tive que pegar o vôo noturno de Campo Grande a São Paulo, mas, não deu mesmo. Logo tive que vir para Brasília.

4 -) Como lhe tenho escrito antes, fiquei aqui para uma reunião do MEC/FUNAI. Foi outro rolo. Eles não tinham dinheiro e terminaram adiando para março, e o Álvaro só ficou gastando com toda contra vontade e calado. Mas, o meu trabalho valeu.

5 -) Por aqui fiz contatos com o Presidente da FUNAI, CIMI e outras importantes para luta indígena, pessoas que conheço mais ou menos bem nos seus trabalhos. Olha, esse Octavio é muito perigoso. Percebi que ele é muito autoritário e sei que sei um dia vai se dar mal com os índios. Por outro lado, percebi que os índios se interessaram mais defender suas terras, e como por exemplo, nessa última jogada de Araguaína, Otavio teve que morder os dentes, porque os índios pederam reforço aos índios do Maranhão, aos Xavantes e, foi pela primeira vez que isso acontece. Isso muito me alegrou, porque foi o primeiro fruto que vejo depois de tanto suor e morte de líderes indígenas.

6 -) Pelo contato que tenho feito e como coordenado tema para o encontro de março, estou percebendo que vou ter que me sacrificar mesmo. Para cordenar, como pessoa indígena e respondendo por uma organização aqui em Brasília não temos gente. Se existem, são pessoas que estão na FUNAI, e por essa razão não podemos deixar a bola rolar sob o controle de pessoas indecisas. Eu acho vou dar um pulo muito rápido na minha terra, e conforme a necessidade virei correndo para cá. Mas, vou sair d'aqui com uma decisão clara, porque aí tenho que ver como vou assegurar, em que condições, porque essa viagem já me deixou desgastado.

Assim Rev. estou indo para minha terra, amanhã às 11:00 da manhã, e somente vou poder entrar em contato com Sr. ássim q/ chegar em Manaus.

Sempre com fé na luta,

A. F. Sampaio

 ÁLVARO FERNANDES SAMPAIO